

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 6

Nélson Jahr Garcia

ZADIG

I — 7

O Caolho

II — 12

O Nariz

III — 16

O Cão e o Cavalo

IV — 22

O Invejoso

V — 29

Os Generosos

VI — 33

O Ministro

VII — 38

Demandas e Audiências

VIII — 43

O Ciúme

IX — 50

A Mulher Batida

X — 55

A Escravidão

XI — 61
A Pira
XII — 66
A Ceia
XIII — 72
As Entrevistas
XIV — 77
O Salteador
XV — 83
O Pescador
XVI — 89
O Basilisco
XVII — 100
Os Combates
XVIII — 107
O Eremita
XIX — 117
Os Enigmas
XX — 122
A Dança
XXI — 128
Os Olhos Azuis

ZADIG



VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO



Voltaire (François-Marie Arouet) foi um dos grandes filósofos do Iluminismo. Dentre as suas qualidades destaca-se a ironia, às vezes gentil, em outras sarcástica e, não poucas vezes, profundamente destrutiva. Suas obras dão sentido à velha máxima: “Ridendo Castigat Mores” (com o riso castigam-se os costumes).

Zadig não é diferente; ironiza o poder, a organização política, a riqueza, o orgulho as pretensões da burguesia, a riqueza, a inveja e muito mais.

Vale hoje como valeu em seu século.

Nélson Jahr Garcia
jahr@jahr.org

ZADIG OU O DESTINO

Uma história oriental

Voltaire

I

O CAOLHO

No tempo do rei Moabdar havia em Babilônia um jovem chamado Zadig e cuja boa índole se aprimorara pela educação. Embora moço e rico, sabia moderar as paixões, não afetava nada; não pretendia ter sempre razão, e costumava respeitar a fraqueza dos homens. Era de espantar que, com tanto espírito, jamais procurasse meter a ridículo esses diálogos tão vagos, tão incoerentes, tão irrequietos, essas temerárias maledicências, esses juízos ignaros, essas grosseiras chocarrices, esse vão palavreiro, a que se chamava conversação em Babilônia. Aprendera, no primeiro livro de Zoroastro, que o amor-próprio é um balão cheio de vento, de onde brotam tempestades quando se lhes dá uma alfinetada. Não se vangloriava, principalmente, de desprezar as mulheres e subjugar-las. Era generoso; não se arreceava de prestar serviços a ingratos, conforme este grande

preceito de Zoroastro: “Quando comeres, dá de comer aos cães, ainda que te mordam”. Era o mais sábio possível, pois procurava viver com os sábios. Instruído na ciência dos antigos caldeus, não ignorava os princípios físicos da natureza, tais como se conheciam então e, quanto à metafísica, sabia dessa matéria o que sempre se soube em todas as épocas, isto é, pouquíssima coisa. Estava firmemente convicto de que o ano se compunha de trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto, mau grado a nova filosofia do seu tempo, e de que o sol ficava no centro do mundo; e quando os principais magos, com insultuosa arrogância, lhe diziam que demonstrava, assim, maus sentimentos e que só um inimigo do Estado poderia acreditar que o sol girasse sobre si mesmo e o ano tivesse doze meses — Zadig calava sem cólera e sem desprezo.

Com grandes riquezas, e por conseguinte com amigos, de boa saúde, agradável aparência, espírito justo e moderado, e um coração sincero e nobre, julgou que podia ser feliz. Ia desposar Semira, cujo nascimento e fortuna a tornavam o primeiro partido de Babilônia. Dedicava-lhe um firme e virtuoso afeto e Semira o amava com paixão. Não tardava o feliz momento que os ia unir, quando, passeando os dois pelas proximidades de uma das portas de Babilônia, viram encaminhar-se a seu encontro alguns homens armados de sabres e frechas. Eram os

satélites do jovem Orcan, sobrinho de um ministro, e a quem os cortesãos do tio haviam feito acreditar que tudo lhe era permitido. Não tinha nenhuma das graças ou virtudes de Zadig; mas, julgando valer muito mais, exasperava-se por não ser o predileto. Tal ciúme, que só a vaidade inspirava, o convencera de que amava loucamente a Semira. E queria raptá-la. Os asseclas lançaram-se a ela e, na sua brutalidade, chegaram a feri-la, derramando o sangue daquela criatura cuja vista seria capaz de enternecer os tigres do monte Imaús. Ela feria os céus com seus lamentos.

“Ó meu caro esposo! — bradava. — Arrancam-me àquele a quem adoro!” Não se preocupava com o próprio perigo; pensava apenas no seu Zadig, o qual, ao mesmo tempo, a defendia com todas as forças que empresta a coragem e o amor. Somente com o auxílio de dois escravos, pôs os homens em fuga, carregando-a, desfalecida e ensangüentada, para a casa de seus pais. Logo que Semira voltou a si, deu com os olhos no seu salvador, e disse-lhe: “Ó Zadig! antes eu te amava como a meu esposo; mas agora amo-te como àquele a quem devo a honra e a vida”. Nunca houve coração mais comovido que o de Semira. Nunca uns lábios encantadores exprimiram mais tocantes sentimentos, com essas ardentes palavras inspiradas na maior gratidão e nos transportes do justificado amor.

Seus ferimentos eram leves; ficou logo boa. Zadig fora atingido mais gravemente; uma frechada perto de um olho produzira-lhe profundo ferimento. Semira só pedia aos deuses a cura de seu amado. Seus olhos, noite e dia, estavam banhados de lágrimas: esperava o momento em que os de Zadig pudessem gozar de seus olhares; mas um abscesso, que se formou na vista afetada, deu causa às maiores apreensões. Mandaram chamar em Mênfis o grande médico Hermes, que chegou com numeroso séquito, visitou o enfermo, e declarou que este perderia a vista; predisse até o dia e hora em que deveria suceder o nefasto acidente. “Se fosse o olho direito — disse ele — eu poderia curá-lo; mas as feridas na vista esquerda, são incuráveis”. Toda Babilônia, lamentando o destino de — Zadig, admirou a profundidade da ciência de Hermes. Dois dias depois, o abscesso resolveu-se por si mesmo; Zadig ficou completamente são. Hermes escreveu então um livro, em que lhe provou que não deveria ter sarado. Zadig não o leu; mas, logo que pôde sair, aprestou-se para visitar aquela em que fazia consistir toda a sua felicidade e só pela qual desejava conservar os dois olhos. Fazia três dias que Semira se achava no campo. Soube, em caminho, que essa bela dama, depois de declarar, abertamente a sua invencível aversão aos caolhos, desposara Orcan naquela mesma noite. A essa nova, Zadig perdeu os sentidos; a dor o

levou à beira do túmulo; por muito tempo esteve doente; mas enfim a razão venceu o sofrimento, e a própria atrocidade do que experimentava serviu para o consolar.

Já que sofri — disse ele — tão cruel capricho de uma moça da Côrte, devo agora procurar uma burguesa.

Escolheu Azora, a mais recatada donzela e a de família da cidade; desposou-a, e viveu com ela um mês os encantos da mais doce união. Apenas lhe notava certa leviandade e demasiado pendor para achar que eram exatamente os jovens mais bonitos que tinham mais espírito e virtudes.

II

O NARIZ

Um dia Azora voltou de um passeio muito encolerizada e com grandes exclamações.

— Que tens, minha querida esposa? Quem te pôs nesse estado?

— Ah! ficarias como eu, se visses o que acabo de presenciar. Fui confortar a viúva Cosru, que há dois dias edificou um túmulo para seu jovem esposo, junto ao arroio que banha as redondezas. Na sua aflição, prometera aos deuses que ficaria junto do túmulo enquanto lhe corressem ao lado as águas do arroio.

— Pois então! Eis aí uma estimável mulher, que amava; verdadeiramente a seu marido!

— Ah! se soubesses em que se ocupava ela quando a fui visitar!

Em que, minha bela Azora?

— Ela estava mandando desviar o arroio.

E Azora alongou-se em tais invectivas, explodiu criminações tão violentas, que não

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

